

ARQUEOLOGIA

EM PERSPECTIVA:

150 ANOS

DE PRÁTICA

E REFLEXÃO NO

ESTUDO DE

NOSSO PASSADO

**ERIKA MARION
ROBRAHN-GONZÁLEZ**
Museu de Arqueologia e
Etnologia
Universidade de São
Paulo
E-mail: egzalez@usp.br



A história da arqueologia é, antes de mais nada, uma história de idéias e descobertas, de discussões teóricas, de formas de olhar o passado. É, em seguida, a história do desenvolvimento de métodos de pesquisa, capazes de desenvolver aquelas idéias e teorias e, assim, obter informações que nos auxiliem a conhecer e a melhor compreender a mais antiga história da humanidade.

Cada olhar do passado é um reflexo ou produto de seu próprio tempo: idéias e teorias estão em constante mudança, sendo cada uma delas um degrau na trajetória da arqueologia, como resultado da natureza dinâmica que a disciplina possui.

O presente artigo visa oferecer um pouco desta história da arqueologia, analisando as principais discussões teóricas e metodológicas que nortearam os rumos da pesquisa científica ao redor do mundo. O quadro que daí resulta mostra-se fundamental para que possamos entender e avaliar os caminhos e descaminhos da arqueologia brasileira, seus resultados e suas perspectivas. Devemos salientar que não foi dada ênfase, aqui, ao desenvolvimento da arqueologia no Brasil, uma vez que este tema é especificamente desenvolvido por Cristiana Barreto em outro texto deste Dossiê.

UMA HISTÓRIA DA ARQUEOLOGIA

A história da arqueologia foi tratada por diferentes autores, que reuniram os dados disponíveis desde os primórdios da disciplina, ainda no século XV, até os dias atuais. Alguns autores, como Trigger (1989), Malina e Vasícek (1990), Renfrew e Bahn

(1996), Dunnell (1986) e Hodder (1994) organizam os dados segundo as diferentes escolas teóricas que se desenvolveram. Já outros autores, como Bahn (1996) e Willey e Sabloff (1993), organizaram os dados adotando um critério cronológico, ou seja, dividindo a história da arqueologia em períodos de tempo definidos. No texto que se segue adotou-se esta segunda opção, com o objetivo de facilitar a compreensão do leitor quanto ao desenvolvimento que a arqueologia apresentou, ao longo do tempo.

O PERÍODO ESPECULATIVO (1492-1840)

O interesse pelo passado humano é bastante antigo, recuando muitos séculos antes da arqueologia se firmar enquanto campo científico de investigação. Séculos antes da era cristã gregos e babilônios voltavam sua atenção para compreender a linha de desenvolvimento humano, bem como se interessavam em recolher e colecionar peças antigas, formando os primeiros museus.

Bem mais tarde, durante a época do Renascimento na Europa (séculos XIV a XVII), começaram a se formar os denominados “gabinetes de curiosidades”, onde eram reunidos objetos exóticos em geral, como ossadas de animais, amostras geológicas e, também, peças arqueológicas, formando coleções dentro da perspectiva da história natural. A atenção se voltou, nesse período, para os objetos mais elaborados da Europa e da Ásia, como as requintadas vasilhas etruscas, gregas e romanas, resultando em publicações como de Stow (1603), Van Mellen (1679), Browne (1658) e Groevius e Groonovius (1694). Discorrendo sobre peças individuais ou sobre coleções, a ênfase recaía nas técnicas de fabricação e nos aspectos decorativos, muitas vezes trazendo interpretações de cenas clássicas.

Ainda no início do século XV, os contatos com a Ásia se intensificaram por conta da abertura da rota marítima pelo sul da África, bem como por uma maior explora-

ção das rotas terrestres, que partiam do leste do Mediterrâneo para o Oceano Índico, alcançando a Ásia central. A presença de europeus incrementou a investigação de monumentos antigos do sul da Ásia, como os templos indianos. Mercadores aventureiros, viajando pela Mesopotâmia e pela Pérsia, identificaram ruínas de antigas cidades, e o conjunto dessas ações fez com que a Europa tivesse acesso às elaboradas peças da antiguidade asiática, onde se incluem as conhecidas porcelanas chinesas e japonesas.

Por outro lado, a expansão ultramarina europeia, que perdurou do século XVI ao XVIII, foi responsável por grande parte do perfil especulativo, uma vez que se tornaram conhecidos traços culturais extremamente exóticos ao redor do mundo. Os habitantes das Américas, em particular, mostravam traços físicos, comportamentos e modos de vida muito distintos dos até então conhecidos. A própria existência das Américas e de seus habitantes provocou discussões acaloradas, uma vez que não se encontravam menções à sua existência na Bíblia, levando, inclusive, ao debate sobre a própria “humanidade” dos indígenas e, em caso positivo, como sua existência poderia ser explicada.

Desconforto ainda maior foi provocado pela descoberta feita por Hernán Cortés, em 1519, da sociedade Asteca, construtora de edificações monumentais como as existentes na cidade de Tenochtitlán, capital do império no México. Em paralelo a essas descobertas, Francisco Pizarro comandou uma expedição que resultou na identificação do império Inca, abrangendo um território que hoje engloba o Equador, o Peru, a Bolívia, o norte do Chile e o noroeste da Argentina. Até então os europeus não poderiam imaginar a existência, fora de seus domínios, de sociedades com tamanho esplendor, e o resultado dessas explorações adquiriu grande significado para o pensamento filosófico europeu, além de sua relevância para a política e a economia da época.

Cada nova informação gerava grande excitação, acirrando as imaginações e levando a várias discussões especulativas,

principalmente no que se refere à origem e identidade das populações indígenas americanas. Apenas com a divulgação da Bula do Papa Paulo III, em 1537, é que esses povos nativos foram definidos pelos europeus enquanto seres humanos, resolvendo a questão da sua identidade.

Todavia, o problema de suas origens continuava levando a grandes discussões. Alguns autores eram favoráveis à hipótese de uma descendência das Dez Tribos Perdidas de Israel (Huddleston 1967: 38-41), enquanto outros defendiam a tese de uma origem Atlante (Wauchope 1962: 30-1). Outras hipóteses remetiam à Ásia, considerando as semelhanças físicas existentes entre os grupos americanos e as populações da Mongólia e, em 1637, a sugestão de uma via migratória pelo Estreito de Behring era seriamente considerada (Wauchope, op. cit.: 85).

No início do século XIX, as discussões abordaram outro tema importante: a antiguidade do homem americano (Gallatin 1845: 177). Esse ponto só conseguiu ser, entretanto, desenvolvido de forma mais sistemática na segunda metade do século, já dentro da denominada “fase descritivo-classificatória”.

Já na Europa, as atenções se voltaram, ainda, a grandes monumentos construtivos em pedra como, por exemplo, Stonehenge, na Inglaterra, sistematicamente estudado por William Stukeley nas primeiras décadas do século XVIII. Dessa época data também o início das escavações em sítios arqueológicos mais conhecidos, como Pompéia e Herculano, ambas cidades localizadas aos pés do Monte Vesúvio, na Itália. O intuito maior dos trabalhos ainda estava direcionado, todavia, à obtenção de peças que embelezassem o palácio de Nápoles, financiador da pesquisa.

A descoberta da Pedra da Roseta por um soldado do exército de Napoleão, durante investidas no Egito nos últimos anos do século XVIII, despertou ainda maior interesse sobre as antigas civilizações que se desenvolveram naquele país. A escrita hieroglífica egípcia foi decifrada apenas em 1822, após 14 anos de trabalho do francês Jean-François

Champollion, que realizou estudos comparativos entre os dois textos idênticos apresentados pela Pedra, um deles em egípcio, o outro em grego. Todavia, o acúmulo de informações e de materiais, nessa época, era resultado de ações individuais, muitas vezes provenientes de descobertas casuais. Tomando a dianteira das expedições arqueológicas, a Royal Society de Londres encomendou a mercadores que realizassem investigações na Pérsia e no deserto da Síria, resultando na identificação e descrição de vários monumentos, publicados pela Sociedade em 1695. Apenas em 1770, entretanto, surgiu a primeira publicação sistemática, na forma de um jornal anual denominado *Archaeologia*, editado pela London Society of Antiquaries. Dessa época data também a construção do British Museum, criado para abrigar 80.000 peças colecionadas por Hans Sloane. Outros grandes museus da Europa, como o Louvre, em Paris, e o Altes Museum, em Berlim, tiveram suas coleções baseadas em peças adquiridas por antiquários.

No final do século XVIII e início do XIX a arqueologia recebeu ainda contribuições do Iluminismo europeu, movimento filosófico associado a nomes como Voltaire, Montesquieu e John Locke, que se caracterizou pela confiança no progresso e na razão, bem como pelo incentivo à liberdade de pensamento. A arqueologia fornecia um excelente suporte à idéia do progresso humano, e os artefatos em pedra que até então tinham sido coletados, de forma dispersa, passaram a ser relacionados a sociedades européias antigas e anteriores ao conhecimento do ferro. Iniciou-se, assim, um sistemático interesse em antiguidades como fonte de dados sobre a condição humana. De qualquer forma, o foco das atenções continuou sendo dado ao artefato, com raras informações sobre o contexto em que foram encontrados.

Quanto ao Brasil, as primeiras descrições referentes à cultura material indígena são encontradas nas crônicas do descobrimento, constituindo cartas, diários de navegação, anotações particulares, relatos de jesuítas, entre outros. O olhar da época ressaltava o aspecto exótico dos grupos indí-

genas, principalmente relacionado a suas práticas e seus modos de vida. As alusões a aspectos materiais da cultura não são abundantes, e geralmente estavam relacionadas a atividades cerimoniais, com raras alusões a usos cotidianos. Dentre as crônicas dos séculos XVI e XVII destacam-se as de Hans Staden (1554), Soares de Souza (1971), Thevet (1970) e Fernão Cardim (1978). Por outro lado, algumas peças arqueológicas brasileiras foram coletadas e levadas à Europa, onde integraram os gabinetes de curiosidades. Assim, durante o período especulativo, o Brasil representou, juntamente com outros países do continente americano, uma fonte de dados para as discussões realizadas na Europa, não apresentando, ainda, uma produção própria de conhecimento.

Por fim, podemos concluir que a predominância do olhar especulativo que esse período apresenta se deve a inúmeros fatores. Os mais importantes seriam: a pobreza de dados arqueológicos em si; a falta de uma tradição de pesquisa, levando a uma perspectiva literária a muitas das publicações arqueológicas mais relevantes; e uma ainda profunda aceitação da interpretação teológica dos fenômenos naturais e culturais do passado. Mesmo os dados obtidos a partir das primeiras escavações ou levantamentos não foram empregados de maneira criteriosa para construir ou testar hipóteses de pesquisa. As informações eram insuficientes, o conhecimento cronológico era ainda rudimentar, não havia sido definida uma metodologia de campo e as ferramentas conceituais eram mínimas. A arqueologia não poderia ainda ser considerada uma disciplina acadêmica, embora tenham sido dados os primeiros passos para sua efetivação.

O PERÍODO DESCRITIVO-CLASSIFICATÓRIO (1840-1914)

O período descritivo-classificatório se distinguiu do anterior por uma mudança de atitude e visão da maioria dos escritores e estudiosos em arqueologia. O princi-

pal foco se voltou à descrição dos materiais, especialmente obras arquitetônicas e monumentos, procurando tornar a arqueologia uma disciplina sistemática e científica. A descoberta e a análise de peças passaram a ser financiadas por órgãos governamentais, universidades, museus e sociedades científicas, e a arqueologia passou a ser uma atividade reconhecida (Willey e Sabloff 1993: 38-9).

Assim, já no início do século XIX a descoberta de antigas ocupações no Novo e no Velho Mundo alavancou um desenvolvimento mais rápido da arqueologia enquanto disciplina. A Bíblia continuava sendo grande inspiração para as pesquisas arqueológicas da época, à procura de civilizações perdidas no Egito e no Oriente Próximo. Grandes descobertas foram realizadas na Mesopotâmia, incluindo esculturas Assírias e a bíblica Nínive, bem como os trabalhos finais de decifrar os códigos da escrita cuneiforme. Inspirado na grande obra de Homero, a *Ilíada*, o banqueiro alemão Heinrich Schliemann identificou, ainda no final do século XIX, a cidade de Tróia no oeste da Turquia.

O século XIX constituiu uma longa fase de consolidação, quando foram implementados vários métodos de campo e estabelecidas importantes cronologias regionais. Foi em suas primeiras décadas que a arqueologia se estabeleceu, de fato, enquanto disciplina. A geologia, ciência então em franco desenvolvimento, forneceu as bases da escavação arqueológica, com o estudo da estratificação das rochas apresentado por James Hutton em seu livro *Theory of the Earth*, de 1785.

Por outro lado, escavações realizadas por Jacques B. de Perthes apresentaram as primeiras evidências de associação entre artefatos de pedra lascada produzidos por humanos e ossos de paleofauna (animais extintos). Publicado em 1841, seu trabalho estendeu a origem humana a um passado muito mais remoto, abalando o pressuposto bíblico de que a existência humana teria apenas poucos milênios. Abria-se, assim, a possibilidade de existir uma Pré-História, e vários pesquisadores voltaram seus estu-

dos para esta instigante questão: a antiguidade da Humanidade.

Da mesma época é o trabalho de Charles Darwin que, através de sua obra principal (*On the Origin of Species*), em 1859, discutiu a origem e o desenvolvimento das plantas e dos animais através do conceito de evolução. Darwin, na verdade, não foi o primeiro a apresentar a idéia de evolução, mas sim o pioneiro em demonstrar como as mudanças ocorrem, através do mecanismo de seleção natural. O processo implica a sobrevivência dos espécimes mais fortes e melhor adaptados, que passariam seu conteúdo genético aos descendentes e assim formariam, com o tempo, novas espécies. A outra obra de referência de Darwin, *The Descent of Man* (1871), indica que a espécie humana seria resultado do mesmo processo. Isso deu início, na arqueologia, à busca dos vestígios do esquema evolutivo.

A idéia de desenvolvimento evolutivo teve outras ramificações. Por um lado, levou os arqueólogos a buscar variações evolutivas também em artefatos, resultando no desenvolvimento das tipologias (ou seja, o arranjo dos artefatos em seqüências de desenvolvimento cronológico). Por outro lado, levou ao esquema conceitual do Sistema de Três Idades, dividindo as coleções entre Idade da Pedra, Idade do Bronze e Idade do Ferro e propondo, assim, uma linha de desenvolvimento da pré-história européia. Foi apresentada pelo dinamarquês C. J. Thomsen em 1848, na obra *A Guide to Northern Antiquities*. Mais tarde, a Idade da Pedra foi dividida entre Paleolítico e Neolítico. Embora o Sistema das Três Idades não tenha podido ser aplicado em continentes como o africano e o americano, foi de grande importância conceitual. Apresentou a possibilidade de ordenar cronologicamente os artefatos, levando a um maior controle da pesquisa já desde as escavações, em campo, através de estudos sistemáticos de estratigrafia e coleta de dados.

Também influenciados por Darwin, etnógrafos e antropólogos sugeriram esquemas de desenvolvimento humano. No final do século XIX publicações do antropólogo inglês Edward Tylor e do americano Lewis

H. Morgan defendiam que as sociedades humanas teriam evoluído de um “estado selvagem” (caçadores primitivos) para o “estado bárbaro” (cultivadores) até chegarem ao “civilizado” (a mais elevada forma de sociedade). Esse esquema generalizante foi combatido por antropólogos ligados a Franz Boas, que apontavam para uma perspectiva mais detalhista e descritiva, também chamada de “particularismo histórico” (Boas 1913, 1940).

O século XIX viu emergir, ainda, o início de um movimento nacionalista, quando diferentes povos europeus procuraram descobrir seu próprio passado arqueológico. Esforços particulares foram realizados para identificar vestígios de antigos povos eslavos e germânicos. Estudiosos alemães buscavam conexões entre seus ancestrais e povos do norte, particularmente aqueles que produziram os ricos vestígios arqueológicos que começavam a ser identificados no sul da Escandinávia. A área próxima ao Rio Elba se tornou um enclave, na medida em que parecia conter vestígios sobrepostos tanto de ancestrais eslavos quanto germânicos. Essas questões fizeram crescer, enormemente, o interesse pela pesquisa arqueológica.

Na América Central, o início da fase descritivo-classificatória foi marcado pelas explorações de J. Stephens e F. Catherwood em Yucatán, no México, revelando as cidades e monumentos em ruínas dos antigos Maia e, assim, dando início aos trabalhos de campo na arqueologia Maia (Catherwood 1844). Trabalhos realizados no México Central trouxeram ainda contribuições significativas, como a classificação de vasilhas cerâmicas e uma tipologia de arquitetura cerimonial por W. Holmes (1895-97). Outro tema importante desenvolvido na América Central se relacionou às inscrições hieroglíficas Maia, realizadas sobre estelas em pedra. Esta forma de escrita foi definitivamente decifrada, entretanto, apenas em 1960.

A grandiosidade de informações obtidas para os Maia e outras ocupações da América Central fizeram com que os arqueólogos iniciassem investigações a partir de

problemas processuais, como o início dos assentamentos em cidades e o desenvolvimento do Estado enquanto forma política. A grande quantidade de dados relacionados à elite Maia, especialmente sobre religião, arquitetura e arte, fez com que durante muitas décadas a atenção dos arqueólogos se voltasse para uma reconstituição da história das elites, o que só se modificou muito mais tarde, na década de 60, já no final da fase histórico-classificatória.

Na América do Norte, centenas de sítios arqueológicos, denominados *mounds*, localizados no vale do Mississipi e Ohio, originaram um acirrado debate moral: poderiam ter sido erigidos pelos povos indígenas nativos, que até então eram considerados moral e intelectualmente inferiores? A questão era fortemente explorada por amadores, que publicaram um grande número de livros, com visões bastante restritas. Por outro lado, técnicas arqueológicas começavam a ser empregadas, incluindo análises de antropologia física, procurando entender a provável função destes *mounds*. Resultados de pesquisas mais sistemáticas foram publicados pelo recém-fundado Smithsonian Institution, em Washington (DC) (Squier 1849), constituindo o primeiro trabalho científico da arqueologia americana. A pesquisa ligada a universidades ganhou, a partir daí, maior fôlego notadamente pelo Smithsonian Institution e pelo Peabody Museum da Universidade de Harvard, que tomaram em suas mãos a discussão do tema. Como resultado, em 1881, o mito sobre os construtores de *mounds* foi definitivamente derrubado, graças a levantamentos e escavações realizados por Cyrus Thomas para o American Bureau of Ethnology (Thomas 1894). A obra traz dados que comprovam, de fato, a construção dos *mounds* pelos ancestrais dos povos indígenas americanos.

Quanto à América do Sul, o Peru atraiu grande parte das atenções, por conta de suas ruínas espetaculares. Os trabalhos mais relevantes foram realizados pelo alemão Max Uhle, que durante 30 anos desenvolveu escavações no Peru, Bolívia, Chile e Equador. Foi Uhle quem apresentou o pri-

meiro grande esquema cronológico para a arqueologia do Peru, a partir da tipologia de artefatos cerâmicos coletados no sítio de Pachacamac, ao sul de Lima (Uhle 1903).

Os arqueólogos argentinos também estiveram bastante ativos nesse período, desenvolvendo pesquisas a partir de museus e universidades. Os vestígios arqueológicos eram estudados em relação a dados etnográficos e etno-históricos, com destaque para o pesquisador J. B. Ambrosetti (1897, 1902, 1906, 1908). Pesquisas nas terras baixas argentinas foram ainda desenvolvidas por Torres (1907, 1911), e na região da Patagônia por Outes (1897, 1905, 1907). Já no litoral trabalharam Ameghino (1911, 1918) e Hrdlicka (1912).

Quanto aos demais países da América do Sul, alguns trabalhos foram realizados, muitas vezes relacionando diretamente contextos arqueológicos com contextos indígenas contemporâneos. Fazem-se notar os trabalhos de Bollaert (1860) e Restrepo (1895) na Colômbia, Marcano (1889) e Karl von den Steinen (1904) na Venezuela e Hartman (1901) na Costa Rica. Devemos mencionar, por fim, a publicação do primeiro manual de arqueologia de todo o continente sul-americano, ainda bastante voltado para dados de arte e iconografia, geralmente relacionados ao imaginário indígena da época (Joyce 1914).

No Brasil, esse período foi bastante marcado pelas viagens de naturalistas europeus que, atravessando o país nas mais variadas direções, forneceram as primeiras descrições sistemáticas e específicas sobre as ocupações indígenas, por vezes incluindo sítios arqueológicos. Dentre os inúmeros trabalhos produzidos, podemos citar os de Saint-Hilaire (1816-1822), von Martius (1818-1821), Humboldt (1799-1803), Rohde (1885), Kupfer (1870), Badariotti (1898), Vogt (1902), von den Steinen (1894), entre tantos outros. Por outro lado, ainda no final do século XIX e início do XX, tivemos as primeiras escavações arqueológicas sendo realizadas no Brasil, principalmente na Amazônia (Derby 1879; Hartt 1871; Farabee 1921; Steere 1927 e Goeldi 1900), mas também em sítios do tipo sambaqui, localizados

no litoral sul (Thering 1895).

De um modo geral, essa fase descritivo-classificatória constituiu o berço da arqueologia sistemática, resultando em sua definição formal enquanto disciplina. Deu-se início à era das descrições e classificações criteriosas, ao desenvolvimento da tipologia, ao mapeamento geográfico dos achados, bem como à realização de grande quantidade de pesquisas de campo. No início do século XX a arqueologia começou a ser lecionada em universidades, dando treinamento a novos profissionais. A aliança da arqueologia com a antropologia começou ainda no final dessa fase, e foi fundamental para o desenvolvimento conceitual da disciplina, como veremos adiante.

O PERÍODO HISTÓRICO-CLASSIFICATÓRIO (1914-1960)

Bem antes do final do século XIX muitos dos princípios fundamentais da moderna arqueologia haviam sido estabelecidos e várias civilizações antigas tinham sido descobertas. Na primeira metade do século XX desenvolveu-se a necessidade de classificar a grande quantidade de material coletado nas escavações, dando-se início ao que Gordon Willey e Jeremy Sabloff denominaram de *período histórico-classificatório*. Os esforços se voltaram ao estabelecimento de sistemas cronológicos regionais e à descrição do desenvolvimento cultural de cada área.

Nas regiões que abrigaram antigas civilizações as pesquisas prosseguiram, trazendo dados novos e importantes para o conhecimento das denominadas civilizações clássicas (como a ocupação minóica na Ilha de Creta, a tumba de Tutankhamon no Egito, ou ainda a identificação dos povos sumérios, através de escavações feitas na cidade bíblica de Ur, na Mesopotâmia). Entretanto, foram as pesquisas com sociedades pré-históricas da Europa e da América do Norte que trouxeram as mais significativas contribuições para o desenvolvimento da arqueologia.

Um dos maiores pensadores da época foi Gordon Childe, com grande número de trabalhos sobre a pré-história e a história européias. Childe desenvolveu estudos que se direcionaram, por um lado, para a distribuição vertical (ou cronológica) dos vestígios arqueológicos, a partir de sua posição nos estratos (ou seqüência estratigráfica). Por outro lado, Childe também apresentou um enfoque horizontal, voltado à análise da distribuição dos vestígios no espaço, contribuindo para estabelecer seqüências regionais, bem como definir áreas culturais, preocupado em compreender por que os fatos ocorreram ou mudaram no passado (Childe 1925, 1929, 1936).

Nos EUA se intensificou a ligação entre os antropólogos e os arqueólogos. Como vimos, Franz Boas se mostrava contrário aos esquemas evolucionistas de Morgan e Tylor, apontando para a necessidade de maior atenção na coleta e classificação de dados de campo, de forma a poder agrupar os materiais coletados em seqüências cronológicas.

O principal instrumento metodológico foi a seriação, criada como uma maneira de ordenar os vestígios através da presença ou ausência de determinados artefatos (ou atributos)-tipo. A aplicação do conceito em coleções de superfície foi feita por Spier (1917). Sugeriu-se, então, que os padrões teriam um significado cultural (o próprio Childe denomina as coleções ou conjuntos de artefatos de “culturas”) e o método da seriação passou a ser utilizado para criar cronologias culturais, baseadas em cálculos matemáticos (Ford 1938, 1952, 1962).

Na arqueologia americana o conceito de “tipo” adquiriu grande importância. Uma vez criado, ele poderia ser ordenado de acordo com idéias de “desenvolvimento” e utilizado para demonstrar seqüências cronológicas, dentro de um raciocínio circular (Orton et al. 1995: 11). Segundo os pressupostos desta escola, os tipos (sejam de artefatos em pedra (líticos) ou cerâmicos) permitiriam identificar relacionamentos históricos entre culturas. A classificação em tipos logo se mostrou, entretanto, insuficiente, considerando a grande diversidade

de de variáveis que os materiais apresentam. Isso levou à adoção do conceito de “variedades” (Krieger 1944; Gifford 1960) ou de outras classificações como sequências, séries, sistemas ou modos (Rouse 1960; Whallon 1972).

A necessidade de fornecer descrições detalhadas dos tipos fez proliferarem as publicações voltadas à classificação. De fato, nesse período foram criados os principais fundamentos para a análise das indústrias líticas e cerâmicas, a maioria deles ainda hoje utilizados.

Também nessa fase se desenvolveu a denominada “perspectiva histórica direta”, voltada à análise de contextos arqueológicos a partir de dados históricos coletados. Aplicava-se a sítios cuja associação com grupos indígenas era conhecida, e procurava-se estabelecer relações com sítios ainda mais antigos, que apresentassem semelhanças nos vestígios materiais. O trabalho mais importante nessa direção foi apresentado por Strong (1935), que analisou aspectos cronológicos e mudanças culturais entre ocupações do Nebraska (EUA).

Tanto o método de seriação quanto a tipologia de artefatos, as classificações culturais e a perspectiva histórica direta tinham um objetivo comum: a elaboração de sínteses regionais, que procuravam ordenar os dados arqueológicos de uma determinada área em uma perspectiva temporal e espacial. O fato de os arqueólogos ainda terem de contar, até quase 1950, com cronologias relativas, fornecia um inevitável nível de generalidade a estes quadros regionais. Podemos citar aqui, como exemplo, os trabalhos de Kroeber (1927, 1944) no Peru, de Kidder (1924) no sudoeste americano, e de Vaillant (1927) e Spinden (1917, 1928) no vale do México.

Já por volta da Segunda Guerra Mundial antropólogos como Leslie White e Julian Steward rejeitaram as idéias de Boas e passaram novamente a defender uma perspectiva generalizante, procurando explicações para mudanças ao longo do tempo. Foram os protagonistas da escola evolucionista cultural, com publicações como *The Evolution of Culture* (White 1959). Julian

Steward se interessava em compreender a mudança cultural, acrescentando uma perspectiva antropológica à questão de como sociedades vivas funcionam. O referido autor indicou que as sociedades não interagiam somente entre elas, mas igualmente com o meio ambiente. Steward denominou como “ecologia cultural” a maneira como a adaptação ao ambiente poderia levar a mudanças culturais (Steward 1937, 1942, 1949, 1955, 1966).

Na arqueologia, os estudos de ecologia cultural se baseavam em três questões principais:

1) a proposição de que os artefatos devem ser considerados como vestígios materiais do comportamento social e cultural humano (ver, entre outros, Martin 1974; Rouse 1939; Bennett 1943; Taylor 1948; Willey e Phillips 1955, 1958);

2) a realização de estudos de padrão de assentamento, indicando que o homem dispõe seus vestígios na paisagem considerando tanto as características físicas que o meio oferece, como a presença de outros assentamentos humanos existentes. Esses estudos forneceriam importantes contribuições na compreensão da organização sociopolítica e da adaptação socioeconômica de povos do passado (Willey 1953; Meggers 1956; Chang 1958; Trigger 1963, 1967, 1968; Sears 1961; Naroll 1962; entre outros);

3) a relação entre cultura e ambiente, relacionando o homem aos recursos básicos de que necessita (o contexto físico) e reconhecendo um papel mais ativo das variáveis ambientais no desenvolvimento das sociedades, a partir de uma perspectiva holística (Helm 1962; Fox 1932; Wedel 1953; Meggers 1954, 1957; Meggers e Evans 1957).

Na verdade, esses conceitos já haviam sido apresentados por geógrafos alemães e britânicos desde o século XIX, tendo sido posteriormente discutidos por arqueólogos como Grahame Clark, que desenvolveu uma perspectiva ecológica e argumentou que o estudo de como as populações humanas se adaptaram ao seu ambiente poderia revelar vários aspectos das sociedades an-

tigas (Clark 1936, 1939, 1953). As equipes buscaram contar, então, com especialistas em ciências biológicas e da terra, desenvolvendo cuidadosos estudos ambientais e análises de restos orgânicos.

A melhor aplicação prática do conceito de ecologia cultural foi, na época, realizada por Gordon Willey no Vale do Viru, Peru. Estudando um período de 1.500 anos de ocupação pré-colombiana, Willey se valeu de análises minuciosas de mapas, fotos aéreas, além de prospecções, coletas de superfície e escavações para classificar as centenas de sítios identificados, elaborando mapas de distribuição dos sítios no espaço, para cada período de tempo definido. Constituiu um dos primeiros estudos de padrão de assentamento em arqueologia, discutindo a relação entre variações observadas no contexto arqueológico e variações no ambiente físico (Willey 1945, 1953, 1956, 1962).

Outro passo importante para a arqueologia foi alavancado pelo auxílio científico de outras disciplinas, como a física e a química. Em 1949 o químico americano Willard Libby anunciou a descoberta da datação radiocarbônica, permitindo aos arqueólogos determinar a idade dos vestígios sem se valer de complicadas comparações interculturais ou seqüências cronológicas a partir da tipologia dos artefatos, como se fazia até então. Por outro lado, estudos em botânica e biologia se mostravam fundamentais para desenvolver análises ambientais e para discutir aspectos da domesticação de plantas. O estudo de materiais a partir de análises químicas, físicas e metalúrgicas levou a um maior conhecimento de processos de manufatura dos artefatos, auxiliando ainda na identificação das fontes de matéria-prima.

O advento da datação absoluta pelo C14 foi fundamental para evoluir algumas discussões arqueológicas, como por exemplo a antigüidade do homem na América, com a definição do horizonte de pontas projéteis nas terras altas da América do Norte entre 9500-8000 a.C. Dois períodos puderam ser definidos neste horizonte, um período mais antigo, denominado Clovis, e um

mais recente, denominado Folsom. Pesquisas realizadas na região ártica e na porção asiática anexa procuravam maiores detalhes sobre a penetração do homem na América (MacNeish 1964). Todavia, datações ainda mais recuadas na América do Sul (alcançando perto de 20.000 anos) lançaram novas variáveis à discussão, indicando a possibilidade de terem existido vias de penetração humana mais antigas na América, e não necessariamente utilizando o Estreito de Behring (Willey e Sabloff 1993: 189-90).

Na América do Sul, pesquisas realizadas no Peru conseguiram recuar o quadro cronológico para sociedades pescadoras na costa e caçadoras mais antigas no interior, obtendo ainda subsídios para discutir o início do cultivo e o advento da urbanização pré-colombiana (Rowe 1963; Menzel 1964; Lumbreras 1971). No Equador, o refinamento de seqüências cronológicas levou ao reconhecimento de grupos ceramistas muito antigos, entre 3000-2500 a.C. (Meggers 1966). Na Argentina, a escavação de várias grutas na região noroeste permitiu estabelecer relações com coleções cerâmicas do norte do Chile (Gonzalez 1963), enquanto no sul procurava-se definir uma cronologia para as ocupações do Rio Paraná-Paraguai, dos Pampas e da Patagônia (Menghin 1957, Bormida 1968, Cigliano 1962).

No Brasil, estudos realizados na região do delta amazônico levaram ao estabelecimento de uma longa seqüência cerâmica, e pesquisas no alto Amazonas permitiram a definição de relações entre os estilos cerâmicos locais com aqueles do Peru e do Equador (Lathrap 1958, 1973). Pesquisas sistemáticas realizadas na costa a partir de procedimentos definidos pelos arqueólogos americanos Betty Meggers e Clifford Evans recuaram a ocupação de sítios do tipo sambaqui para 3000-4000 anos a.C. Esta ocupação teria sido substituída, no primeiro milênio de nossa era, por grupos amazônicos agricultores, supostamente relacionados a grupos Tupi (Lathrap 1970). Como se vê, embora em escala ainda bastante reduzida, também no Brasil foi dada

ênfase à busca de sistemas cronológicos regionais, agrupando os materiais coletados em seqüências cronológicas.

Já na Mesoamérica, uma série de pesquisas foram desenvolvidas, podendo-se salientar, entre elas: a definição da grande antigüidade da arte Olmeca (Stirling 1943; Drucker 1952; entre outros); os avanços no estudo da escrita hieroglífica Maia (Thompson 1950; Knorozov 1967; Berlin 1958); e os estudos urbanísticos do sítio de Teotihuacan (Millon 1967; Sanders e Price 1968).

Segundo Willey e Sabloff (1993: 154-5), o grande número de pesquisas arqueológicas realizadas depois da Segunda Guerra Mundial tinha como objetivo o refinamento de seqüências cronológicas, corrigindo e refinando os esquemas antigos, que se baseavam em análises de estratigrafia e em técnicas de seriação. Os últimos anos do período histórico-classificatório trouxeram a formulação de sínteses arqueológicas, que não apenas se voltavam a estabelecer relações históricas e funcionais entre as sociedades do passado, mas também em fornecer uma perspectiva processual evolutiva à sua análise. A publicação precursora destas sínteses foi o *Handbook of American Indians North of Mexico* (Hodge 1907-10), seguido por vários outros, sendo os mais importantes o *Handbook of South American Indians* (Steward 1946-50), o *Handbook of Middle American Indians* (Wauchope 1964-76) e, por fim, o *Handbook of North American Indians* (Sturtevant 1960), todos editados pelo Smithsonian Institution.

Esses verdadeiros sumários arqueológicos serviram de referência aos arqueólogos durante várias décadas. Todavia, suas bases teóricas não eram claras. Algumas sínteses eram primordialmente difusionistas; outras apresentavam um cunho mais evolucionista. De qualquer forma, o fato de terem organizado a grande quantidade de dados produzidos permitiu aos arqueólogos formular problemas relacionados à mudança cultural, abrindo importantes campos de investigação que prepararam o advento da *New Archaeology*, nos anos 60.

O PERÍODO MODERNO (1960-2000)

A chegada dos anos 60 mostrou uma insatisfação generalizada entre os pesquisadores, conscientes das limitações de uma arqueologia tradicional ainda voltada a discussões fragmentadas, que abrangiam somente alguns aspectos das sociedades do passado. Já em 1948 o arqueólogo americano Walter W. Taylor, em seu livro *A Study of Archaeology*, formulou algumas dessas insatisfações, apontando a necessidade de se lidar com uma maior diversificação de traços de uma cultura. Em 1958 Gordon Willey e Philip Phillips, em seu livro *Method and theory in American Archaeology*, argumentaram a favor de uma maior ênfase nos aspectos sociais, a partir de uma visão processual, bem como a uma retomada da escola evolucionista cultural defendida por Julian Steward e Leslie White.

Estes foram os fundamentos da denominada escola processual, ou *New Archaeology*, que surgiu nos EUA na década de 60 como produto de uma arqueologia eminentemente antropológica. Seu grande interlocutor foi Lewis Binford, que lançou os preceitos da nova corrente em seus clássicos livros *Archaeology as Anthropology*, de 1962, e *New Perspectives in Archaeology*, de 1968, onde apresenta um programa coerente para a pesquisa arqueológica, com objetivos definidos e bastante atraentes para a nova geração de pesquisadores. Outros autores importantes para o período foram Flannery (1968 a, 1967, 1976, 1986), Hole e Heizer (1966), Watson, LeBlanc e Redman (1971), Deetz (1960, 1968), Longacre (1968), Hill (1968), Leone (1968), entre tantos outros. Os conceitos básicos da nova escola podem ser assim resumidos:

- A natureza da arqueologia passa a ser explanatória, e não mais descritiva como até então, procurando explicar o passado humano a partir do uso explícito de teorias.
- Baseada na Filosofia da Ciência, a *New Archaeology* propõe desenvolver análises sobre processos culturais ou, ainda,

sobre mudanças ocorridas nos sistemas sociais e econômicos de determinado grupo humano. Isso implicava o uso de generalizações, ou ainda, de “leis de dinâmica cultural” (Binford 1968: 27).

- O procedimento de análise deveria se voltar à formulação de hipóteses que passariam a ser testadas, construindo modelos e deduzindo suas consequências, inclusive com o uso de sofisticados programas estatísticos.

- Adoção da Teoria Geral de Sistemas, tendo como procedimento básico a identificação e caracterização de padrões culturais. Os sistemas seriam divididos em três subsistemas mais importantes: o tecnológico, o social e o ideológico, cujas relações (ou padrões de organização) necessitavam ser explicitadas.

- As pesquisas deveriam se voltar a resolver questões específicas, e não mais avolumar dados obtidos aleatoriamente em campo.

- Desenvolveu-se uma perspectiva ecossistêmica, voltada a estabelecer relações entre cultura e meio ambiente (especialmente por Kent Flannery – 1968 a e b, 1969, 1976, 1986, entre outros).

- As coleções deveriam ser obtidas a partir de rigorosos métodos de amostragem, e tratadas a partir de testes estatísticos, de maneira a permitir generalizações.

Na Inglaterra, David Clarke discutiu e desenvolveu muitos dos conceitos da *New Archaeology*, principalmente no que se refere ao uso de técnicas quantitativas e pelo emprego de conceitos aplicados a outras disciplinas, como a geografia. Foi também o autor que apresentou de forma mais detalhada a utilização da teoria de sistemas na pesquisa arqueológica, através de uma abordagem multidisciplinar (Clarke 1968, 1972, 1977).

A *New Archaeology* trouxe ainda uma maior ênfase em projetos de campo com objetivos bem definidos, que procurassem responder questões específicas sobre o passado. A perspectiva ecológica fez entender que muitos problemas só poderiam ser encaminhados a partir de uma abordagem regional, e não mais com o estudo de

sítios isolados. Para tanto, mostrou-se necessário introduzir novas técnicas de prospecção intensiva e escavações seletivas, acompanhadas de amostragens estatisticamente definidas e análises multivariadas de dados. Estes passaram a ser os elementos-chave para a moderna pesquisa de campo.

Todos esses procedimentos estavam voltados à identificação e caracterização de processos culturais no tempo e no espaço. Concentravam-se esforços, assim, para fornecer à disciplina um maior rigor científico, dentro de um contexto filosófico positivista baseado, principalmente, em Carl Hempel (1966). Aqui se enquadra o enorme incremento em métodos matemáticos de quantificação, bem como na sofisticação de análises químicas e físicas aplicadas a vestígios arqueológicos.

Provavelmente, o melhor exemplo de um projeto de pesquisa com objetivo específico é o desenvolvido por Louis Leakey e Mary Leakey no vale do Olduvai, no leste da África. Estavam voltados à descoberta de evidências mais antigas sobre a origem do homem e, embora tenham iniciado seus levantamentos ainda no início da década de 30, foi apenas em 1959 que identificaram o primeiro dos muitos fósseis humanos ali existentes (Leakey 1960, 1969, 1973; entre outros). A África se tornou, então, o grande centro de estudos sobre a evolução humana, incitando debates acirrados entre vários teóricos (como Lewis Binford, C. K. Brain e G. Issac) sobre o comportamento caçador-coletor de nossos ancestrais.

As pesquisas na África ampliaram o campo de atuação da arqueologia, tanto no tempo como no espaço. Estudos realizados em monumentos formados por construções elípticas no Zimbabwe inspiraram a produção da primeira síntese sobre a arqueologia de todo um continente, feita por Desmond Clark (*The Prehistory of Africa*).

Dentre os grandes temas de pesquisa desenvolvidos sob a perspectiva da *New Archaeology* podemos citar: a identificação de variações no *status* de indivíduos e de grupos de indivíduos nas sociedades, especialmente através da análise de práticas mortuárias (Binford 1962, 1971; Sears

1961; Brown 1971; Rathje 1970); sistemas de organização social refletidos em padrões de residência (Deetz 1965, 1968a); a associação entre padrões de residência, organização social e interação cultural (Longacre 1968; Hill 1968; Whallon 1968); e análises demográficas, baseadas em estudos de residência e sistemas de parentesco, bem como na relação observada entre cultura e ambiente físico (Sanders 1956, 1965; Sanders et al. 1970; MacNeish 1958, 1967).

Pesquisas iniciadas na década de 60 na Austrália indicaram a perspectiva de analisar diferentes ocupações humanas que se desenvolveram ao longo do tempo (no caso, desde a Idade do Gelo até os atuais aborígenes) (Mulvaney 1969). Este trabalho abriu, inclusive, a perspectiva de analisar sociedades vivas, dando origem ao que hoje se denomina etnoarqueologia.

A etnoarqueologia representou, na realidade, um novo foco em trabalhos junto a comunidades contemporâneas, uma vez que se volta a compreender problemas trazidos da própria arqueologia, desenvolvendo e testando hipóteses sobre a relação entre cultura material e comportamento, e sugerindo relacionamentos similares no passado. O trabalho de Richard Gould (1967, 1968, 1969, 1974, 1980, 1986, 1990, entre outros) entre os aborígenes australianos, o de Richard Lee (1979) entre os !Kung no sul da África e o trabalho de Lewis Binford (1967) entre a comunidade esquimó Nunamiut formaram a base da etnoarqueologia, enquanto um dos desenvolvimentos recentes mais significativos da disciplina arqueológica.

O advento da etnoarqueologia fez resurgir uma antiga discussão em arqueologia, referente ao uso da analogia enquanto instrumento de análise. Encontrou defensores vigorosos como Chang (1967) ou, mais recentemente, como Hodder (1982). Em contrapartida, encontrou também críticos incisivos como Binford (1967, 1968) e Gould (1980, 1982), que rejeitavam qualquer uso da analogia enquanto forma de leitura do passado através do presente. De um modo geral, a aplicação da analogia pode se dar de duas formas: a forma indireta, que utiliza

modelos gerais de ocupação, comportamento e uso do espaço elaborados em sociedades ao redor do mundo (denominada *cross-cultural analogie*); ou a forma direta, quando modelos são testados em contextos arqueológicos do próprio grupo contemporâneo estudado, uma vez que se assume e se recupera sua continuidade histórica (denominada “analogia histórica”). De uma forma ou de outra, a literatura tende, hoje, a mostrar a analogia como um instrumento valioso dentro do objetivo de discorrer sobre o passado, embora seu uso traga, embutido, um inevitável nível de incerteza. Vários trabalhos procuram, todavia, fornecer alternativas para reduzir essa incerteza, definindo metodologias que possam ser aplicáveis à pesquisa arqueológica (Ascher 1961; Charlton 1981; Watson 1979; e, com especial destaque, Wylie 1985, 1988, 1989).

Devemos citar, ainda, as discussões voltadas às perspectivas oferecidas pelo estudo da cultura material, objetivando compreender suas relações com o comportamento humano. Alguns pesquisadores chegaram a definir a arqueologia como a ciência da cultura material (Rathje 1974, 1978), enquanto outros (como Redman 1973: 20) preferiram indicar a cultura material como um instrumento de análise para o estudo de comportamento humano e organização social. De fato, essa discussão levou a um problema maior enfrentado pela arqueologia, referente às limitações impostas pelo registro arqueológico, levando diferentes pesquisadores a propor caminhos alternativos para superar esse obstáculo. Nesse campo destaca-se a atuação de Michael Schiffer (1976), com o estudo de processos de formação de refugio.

Vários esforços foram ainda realizados em análises do fenômeno de interação cultural, definindo a importância das relações intersociais na definição dos sistemas de assentamento e no estudo de mudança cultural (Douglas 1995; Hodder 1978; Plog 1976; Schortman e Urban 1989, 1992; Flannery 1972a e b; Plog 1974).

Por outro lado, pesquisas desenvolvidas em áreas urbanas ou suas proximidades incrementaram o desenvolvimento da

arqueologia histórica, que se volta aos vestígios de ocupações humanas do período Pós-Conquista, envolvendo todos os povos formadores das sociedades nacionais (índios, europeus ou negros) (Deetz 1968b, Schuyler 1970). O fato de a arqueologia histórica poder contar com fontes documentais escritas permitiria testar a pertinência de diferentes métodos empregados na arqueologia pré-histórica (Thomas 1988; Leone 1984).

O entusiasmo conceitual da *New Archaeology* não trouxe, entretanto, os mesmos resultados no plano prático. Grande parte dos trabalhos se voltou a aspectos funcionais ou ecológicos, deixando de lado as considerações sobre aspectos cognitivos e simbólicos das sociedades. De qualquer forma, a arqueologia nunca mais seria a mesma, e o grande mérito da *New Archaeology* foi tirar o foco dos trabalhos de uma arqueologia descritiva para uma arqueologia explicativa, bem como se voltar ao estudo de processos humanos de desenvolvimento, envolvendo análises de mudança e continuidade cultural. Esta escola indicou, assim, a necessidade de explicitar os pressupostos de pesquisa, de forma a poderem ser examinados, sendo isso o que David Clarke definiu como “a perda da inocência”, em seu artigo de 1973.

Estudos pós-modernos e propostas vindas, inicialmente, de estudos arquitetônicos e literários e, em seguida, da filosofia da ciência (com base na filosofia antipositivista de Hegel e Kant), levaram a uma grande diversificação nas abordagens arqueológicas, já a partir da década de 70. A desilusão com as correntes teóricas da disciplina constituiu campo fértil para novas propostas, como reação da escola de Cambridge ao processualismo americano. Essa reação foi inicialmente reunida no que se denominou de Escola Pós-Processual (em contraponto à arqueologia processual defendida pela *New Archaeology*) ou como, mais atualmente, Shanks e Tilley (1987, 1989) e Hodder (1985, 1991a e b) preferem denominar de “arqueologias interpretativas”. Entre as diferentes influências recebidas por essa corrente podemos citar o neomarxismo, o pós-positivismo e a hermenêutica.

A partir daí, a arqueologia tomou rumos extremamente variados. De fato, o que aqui denominamos como “período moderno” se caracteriza muito mais pela diversidade do que pela igualdade, ao contrário dos períodos anteriormente descritos. Os últimos 20 anos trouxeram discussões ainda mais acirradas e a emergência de diferentes escolas como a arqueologia crítica, a arqueologia interpretativa e a arqueologia processual-cognitiva. Na verdade, trata-se de formas complementares de resgatar o passado, embora seus defensores muitas vezes adotem posturas radicais, mostrando-se frontalmente contrários às demais perspectivas.

De acordo com Willey e Sabloff (1993: 298), embora a escola pós-processual se mostre extremamente variada, tanto em termos filosóficos quanto conceituais, apresenta como elemento comum seu antagonismo à idéia de que os eventos humanos do passado possam ser plenamente compreendidos apenas com o uso de procedimentos “científicos e objetivos”. Seus defensores argumentam que não existe uma forma objetiva real de acessar o passado; ao contrário, o passado seria algo construído pelo arqueólogo que, por viver no presente, conseguiria apenas fornecer uma visão subjetiva dos acontecimentos. O pós-processualismo se caracterizaria, portanto, por uma visão relativista do passado, bem como pela convicção de que ele é algo socialmente construído (Hodder 1987; Salmon 1992).

Esses argumentos inspiraram discussões extremadas, sugerindo que o limite entre a pesquisa arqueológica e a ficção seria difícil de estabelecer. Aqui se incluem os trabalhos de Michael Shanks e Christopher Tilley (1987, 1989), argumentando que toda interpretação do passado, bem como toda expressão museológica de seu conteúdo, envolve escolhas que dependem mais da opinião e das sensações dos pesquisadores do que de uma pseudo-objetividade de pesquisa.

Uma variante da escola pós-processual é a hermenêutica, principalmente definida e defendida por Hodder (1985), mas também discutida por autores como Patterson

(1989) e Preucel (1991). Critica o processualismo da *New Archaeology*, intransigente em seus argumentos ecológicos, evolucionistas e materialistas. Por outro lado, posiciona-se ao lado de uma antropologia mundial, que se volta ao estudo do poder, da ideologia, da estrutura e, acima de tudo, de contextos históricos específicos.

A arqueologia crítica é outra categoria da escola pós-processual, apoiada em um discurso neomarxista. Propõe-se a discutir de que forma é possível para a arqueologia lidar com elementos ideológicos, com ênfase nos aspectos simbólicos e cognitivos dos indivíduos (Leone 1982; Patterson 1989; Preucel 1991).

Por fim, a arqueologia do gênero objetiva estudar o papel feminino nas sociedades do passado, que até então era basicamente discutido a partir de atividades masculinas (Conkey e Spector 1984; Gero e Conkey 1991; Claassen 1992; Wylie 1991).

Atualmente, diversos esforços estão sendo feitos no sentido de procurar integrar as contribuições que a escola processual e a escola pós-processual forneceram, apresentados principalmente na forma de publicações (Preucel 1991; Redman 1991; Spaulding 1988; Watson 1991; Trigger 1991). Os autores sugerem, a partir de enfoques variados, a utilização conjunta de pressupostos defendidos por cada uma das escolas, objetivando alcançar uma compreensão mais completa do passado.

Assim, independente da época ou da escola teórico-metodológica vigente, o objetivo maior da arqueologia continua sendo o mesmo: compreender e explicar o passado humano. Certamente, cada escola partiu do conhecimento e das experiências obtidas com a perspectiva anterior. Muitos dos pressupostos não chegaram a

ser totalmente negados ou abandonados, mas sim reinterpretados e reintegrados, a partir de novas formas ou leituras que a ciência produz.

Não podemos esquecer, por fim, dos diversos programas implantados nos últimos 30 anos, voltados para problemas de conservação e educação pública. Arqueólogos estão cada vez mais envolvidos em promulgar e reforçar uma legislação adequada para proteção e manejo do patrimônio histórico/cultural, integrando equipes de discussão governamentais e não-governamentais. Os arqueólogos também não podem mais ignorar o impacto que suas pesquisas oferecem às populações indígenas, e alguns países, como os EUA, já estão se familiarizando com cenas de repatriamento de materiais obtidos durante as escavações.

De fato, a arqueologia do ano 2000 se apresenta muito mais próxima, atuante e sensível às necessidades e demandas da sociedade, tornando seu trabalho cada vez mais relevante para o mundo moderno. Um bom exemplo disso nos é fornecido pela denominada “arqueologia de contrato”, em que o profissional é chamado para avaliar o patrimônio histórico/cultural presente em terrenos destinados a grandes empreendimentos (como usinas hidrelétricas, rodovias, gasodutos, linhas de transmissão, entre outros), bem como definir formas adequadas de resgate e manejo.

De um modo geral, a arqueologia hoje enfatiza o valor do passado para o mundo contemporâneo, a partir dos ensinamentos que esse passado possa fornecer. Alerta, por fim, que a herança cultural deve ser entendida como uma parte importante do grande ambiente humano, sendo, por vezes, tão frágil e finita quanto os próprios recursos apresentados pelo meio natural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ambrosetti, J. B. 1897 La antigua Ciudad de Quilmes (Valle Calchaqui). *Boletín Instituto Geografía Argentina*, vol. 17: 33-70.
- _____. 1902 El Sepulcro de “La Paya” ultimamente descubierto en los Lalles Calchaquies (Provincia de Salta). *Arqueología Argentina*, vol. 1, ser. 3: 119-48.

- _____. 1906 Exploraciones arqueológicas en la Pampa Grande (Prov. De alta). *Revista de la Universidad de Buenos Aires*, vol. 6, n. 1.
- _____. 1908 Exploraciones arqueológicas en la ciudad pre-histórica de "La Paya" (Valle Calchaquí, Provincia de Salta). *Revista de la Universidad de Buenos Aires*, vol. 8, n. 3.
- Ameghino, F. 1911 Une nouvelle industrie lithique. *Anales del Museo Nacional de Buenos Aires* vol. 12, ser. 3: 189-204.
- _____. 1918 *La Antigüedad del Hombre en El Plata*. Cultura Argentina, Buenos Aires.
- Ascher, R. 1961 Analogy in archaeological interpretation. *Southwestern Journal of Anthropology* 17: 317-25.
- Baqdariotti, P. N. 1898 *Exploração do Mato Grosso*. São Paulo.
- Bahn, P. (ed.). 1996 *The Cambridge Illustrated History of Archaeology*. Cambridge University Press, Cambridge.
- Bennett, J. W. 1943 Recent developments in the functional interpretation of Archaeological Data. *American Antiquity*, vol. 9, n. 2: 208-19.
- Berlin, H. 1958 El glifo "emblemático" en las inscripciones Mayas. *Journal de la Société des Américanistes*, vol. 47: 111-9.
- Binford, L. R. 1962 Archaeology as Anthropology. *American Antiquity*, vol. 28, n. 2: 217-25.
- _____. 1967 Smudge pits and hide smoking: the use of analogy in archaeological reasoning. *American Antiquity* 32: 1-12.
- _____. 1968 Methodological considerations in the use of ethnographic data. In: Lee, R. B. e DeVore, I. (eds.), *Man the Hunter*, pp. 268-73. Chicago: Aldine Publishing Company.
- _____. 1971 Mortuary practices: their study and potential. In: Brown, J. A. (ed.), *Approaches to the Social Dimensions and mortuary practices*, SAA, Memoir 25, pp. 58-67, Washington, D.C.
- Binford, S. R. e Binford, L. R. (eds.). 1968 *New Perspectives in Archaeology*. Aldine, Chicago.
- Boas, F. 1913 Archaeological Investigations in the Valley of Mexico by the International School, 1911-12. In: *Eighteenth International Congress of Americanists*, pt. 1, pp. 176-9. Londres.
- _____. 1940 *Race, Language and Culture*. Macmillan, New York.
- Bollaert, W. 1860 *Antiquarian, Ethnological, and other researches in New Granada, Equador, Peru, and Chile*. D. Lane, Londres.
- Bormida, M. 1968 Arqueología de las altas cotas de la Costa Norpatagónica. *Thirty-seventh International Congress of Americanists*, vol. 3: 345-74. Buenos Aires.
- Brown, J. A. (ed.). 1971 *Approaches to the social dimensions of mortuary practices*. SAA, Memoir 25, Washington D.C.
- Browne, T. 1658 *Hydriotaphis. Urne burial*. Londres.
- Cardim, F. 1978 *Tratados da terra e da gente do Brasil*. Brasileira vol. 168. Nacional, São Paulo
- Catherwood, Fr. 1844 *View of Ancient Monuments in Central America, Chiapas, and Yucatán*. Vizetally, Londres.
- Chang, K. 1958 Study of the Neolithic Social Grouping: examples from the New World. *American Anthropologist*, vol. 60, n. 2: 298-334.
- _____. 1967 Major aspects of the interrelationship of archaeology and ethnology. *Current Anthropology* 8: 227-34.
- Charlton, T. H. 1981 Archaeology, ethnohistory and ethnology: interpretive interfaces. *Advances in Archaeological Method and Theory* 4: 129-76.
- Childe, V. G. 1925 *The Dawn of European Civilization*.
- _____. 1929 *The Danube in Prehistory*. Clarendon Press, Oxford.
- _____. 1936 *Man Makes Himself*. Watts, Londres.
- Cigliano, E. M. 1962 *Ampajanguense*. Inst. de Antropología, Rosario, Univ. Nacional de Litoral.
- Claassen, C. (ed.). 1992 *Exploring gender through archaeology*. Monographs in World Archaeology, n. 11. Prehistory Press, Madison.
- Clark, G. D. 1936 *The Mesolithic Settlement of northern Europe*. Cambridge Univ. Press, Cambridge.
- _____. 1939 *Archaeology and Society*. Methuen, Londres.
- _____. 1953 The economic approach to Prehistory. *Proceedings of the British Academy*, vol. 39: 215-38.
- Clarke, D. 1968 *Analytical Archaeology*. Methuen, Londres.
- _____. 1972 *Models in Archaeology*. Methuen, Londres.
- _____. 1977 *Spatial Archaeology*. Academic Press, Londres.
- Conkey, M. W. e Spector, J. 1984 Archaeology and the study of gender. In: Schiffer, M. B. (ed.), *Advances in Archaeological Method and Theory*, vol. 7: pp. 1-38. Academic Press, New York.
- Deetz, J. J. F. 1960 Archaeological Approach to kinship change in eighteenth century Arikara Culture. PhD Dissertation, Harvard Univ., Cambridge, Mass.

- _____. 1965 *The dynamics of stylistic change in Arikara Ceramics*. University of Illinois Series in Anthropology, n. 4. Urbana.
- _____. 1968a The inference of residence and descent rules from Archaeological data. In: Binford, S. R. e Binford, L. R. (eds.), *New Perspectives in Archaeology*, pp. 41-9. Aldine, Chicago.
- _____. 1968b Late Man in North America: Archaeology of European Americans. In: Meggers, B. J. (ed.), *Anthropological Archaeology in the Americas*, pp. 121-30. Washington D.C.
- Derby, O. 1879 Artificial Mounds of the Island of Marajó, Brazil. *American Naturalist*, vol. 13, n. 4, 224 p.
- Douglas, J. E. 1995 Autonomy and regional systems in the late Prehistoric Southern Southwest. *American Antiquity* 60(2): 240-57.
- Drucker, P. 1952 *La Venta, Tabasco: a study of Olmec Ceramics and art*. Bureau of American Ethnology, Bulletin 153. Washington D.C.
- Dunnell, R. C. 1986 Five decades of American Archaeology. In: Meltzer, D. J.; Fowler, D. D.; Sabloff, J. A. (eds.), *American Archaeology, Past and Future*. Smithsonian Institution Press, Washington & London.
- Farabee, W. C. 1921 Exploration at the Mouth of the Amazon, *Museum Journal of the University Museum*, vol. 12, n. 13: 142-61. Philadelphia
- Flannery, K. V. 1967 Culture History vs. Cultural Process: a debate in American Archaeology. *Scientific American*, vol. 217: 119-22.
- _____. 1968a Archaeological Systems theory and Early Mesoamerica. In: Meggers, B. J. (ed.), *Anthropological Archaeology in the Americas*, pp. 67-87. Washington D.C.
- _____. 1968b The Olmec and the valley of Oaxaca: a model for inter-regional interaction in Formative times. In: Benson, E. P. (ed.), *Durbarton Oaks Conference on the Olmec*, pp. 79-110. Washington D.C.
- _____. 1969 Origins and ecological effects of early domestication in Iran and the Near East. In: Dimbleby, G. W. e Ucko, P. J. (eds.), *The domestication and exploitation of plants and animals*, pp. 73-100. Aldine, Chicago.
- _____. 1972a The cultural evolution of Civilizations. *Annual Review of ecology and systematics*, vol. 3: 399-426, Palo Alto.
- _____. 1972b Summary Comments: evolutionary trends in social exchange and interaction. In: Wilmsen, E. N. (ed.), *Social exchange and interaction*, pp. 129-36. Univ. of Michigan, Museum of Anthropology, Anthropological Papers n. 46, Ann Arbor.
- _____. 1976 *The early Mesoamerican village* Academic Press. New York.
- _____. 1986 *Guila Naquitz: archaic foraging and the early agriculture in Oaxaca, Mexico*. Academic Press, Orlando.
- Ford, J. A. 1938 A Chronological method applicable to the Southeast. *American Antiquity*, vol.3, n. 3: 260-4.
- _____. 1952 Measurements of some Prehistoric Developments in the Southeastern States. *Anthropological Papers of the American Museum of Natural History*, vol. 44, pt. 3. New York.
- _____. 1962 *A quantitative method for deriving cultural chronology*. Washington Pan American Union Technical Manual I.
- Fox, C. 1932 The personality of Britain. *Man*, vol. 32, 202 pp.
- Gallatin, A. 1845 Notes on the Semi-Civilized Nations of Mexico, Yucatan, and Central America. *Transactions of the American Ethnological Society*, vol. 1. New York.
- Gero, J. M. e Conkey, M. (eds.). 1991 *Engendering Archaeology: women and Prehistory*. Basil Blackwell, Londres.
- Gifford, J. C. 1960 The type-variety of ceramic classification as an indicator of cultural phenomena. *American Antiquity*, 25: 341-7.
- Goeldi, E. 1900 *Excavações arqueológicas em 1895*. Memoires do Museu Goeldi, Belém.
- González, A. R. 1963 Cultural development in Northwestern Argentina. In: Meggers, B. J. e Evans, C. (eds.), *Aboriginal cultural development in Latin America: an interpretative review*. Smithsonian Miscellaneous Collection, vol. 1240, n. 1, pp. 103-18. Washington D.C.
- Gould, R. 1967 Notes on hunting, butchering and sharing of game among Ngatajara and their neighbours in the west Australian desert. *Kroeber Anthropological Society Paper*, 36.
- _____. 1968 Living Archaeology: the Ngatajara of Western Australia. *Southwestern Journal of Anthropology* 24: 101-22.
- _____. 1969 Subsistence behavior among the Western Desert Aborigines of Australia. *Oceania*, 39: 253-74.
- _____. 1974 Some current problems in ethnoarchaeology. In: Donnan, C. B. e Clewlow, C. W. (eds.), *Ethnoarchaeology*, pp. 29-48. Inst. of Archaeology Monograph, 4. Los Angeles: Univ. of California.

- _____. 1980 *Living archaeology*. New York: Cambridge Univ. Press.
- _____. 1986 *Cave art of Australian desert aborigines*. In: Shafer, H. J. (ed.), *Ancient Texans*, pp. 204-9. Austin: Texas Monthly Press.
- _____. 1990 *Recovering the Past*. Univ. New Mexico.
- Gould, R. A. e Watson, P. J. 1982 A dialogue on the meaning and use of analogy in ethnoarchaeological reasoning. *Journal of Anthropological Archaeology* 1: 355-81.
- Groevius, M. e Gronovius, A. 1694 *Thesaurus antiquitatum*. Traj. Ad Rhenum.
- Hartman, C. V. 1901 *Archaeological Research in Costa Rica*. Royal Ethnological Museum, Stockholm.
- Hartt, C. F. 1871 The Ancient Indian pottery of Mararjô, Brazil. *American Naturalist*, vol. 5: 259-71.
- Helm, J. 1962 The ecological approach to Anthropology. *American Journal of Anthropology*, vol. 67, n. 6: 630-9.
- Hempel, C. G. 1966 *Philosophy of Natural History*. Prentice-Hall, Englewood Cliffs, N. J.
- Hill, J. N. 1968 Broken K Pueblo: patterns of form and function. In: Binford, S. R. e Binford, L. R., *New Perspectives in Archaeology*, pp. 103-43. Aldine, Chicago.
- Hodder, I. 1978 Social organization and human interaction: the development of some tentative hypothesis in terms of material culture. In: Hodder, I. (ed.), *The spatial organization of culture*. Duckworth, Londres.
- _____. 1982 *Symbols in action: ethnoarchaeological studies of material culture*. Cambridge Univ. Press, New York.
- _____. 1985 Postprocessual Archaeology. In: Schiffer, M. (ed.), *Advances in Archaeological Method and theory*, vol. 8, pp. 1-26. Academic Press, New York.
- _____. 1987 The contribution of the Long Term. In: Hodder, I. (ed.), *Archaeology as Long-Term History*, pp. 1-8. Cambridge Univ. Press, Cambridge.
- _____. 1991a Postprocessual Archaeology and the Current debate. In: Preucel, R. W. (ed.), *Processual and Postprocessual archaeologies: multiple ways of knowing the past*, pp. 30-41. Center for Archaeological Investigations, Southern Illinois Univ., Occasional Paper n. 10, Carbondale.
- _____. 1991b *Reading the past: current approaches to interpretation in archaeology*. Cambridge Univ. Press, Cambridge.
- _____. 1994 *Interpretación en Arqueología. Corrientes Actuales*. Crítica, Barcelona.
- Hole, F. e Heizer, R. 1966 *An introduction to Prehistoric Archaeology*. Holt, Rinehart and Winston, New York.
- Hodge, F. W. (ed.). 1907-10 *Handbook of American Indians North of Mexico* 2 pts. Bureau of American Ethnology, Bulletin 30, Washington D.C.
- Holmes, W. H. 1895-97 *Archaeological Studies among the ancient Cities of Mexico*. Filed Columbian Museum Anthropological Series, vol. 1, n. 1, Chicago
- Hrdlicka, A. et al. 1912 *Early Man in South America*. Bureau of American Ethnology, Bulletin 52, Washington D.C.
- Huddleston, L. E. 1967 *Origins of the American Indians: European Concepts, 1492-1729*. University of Texas Press, Austin.
- Ihering, H. 1895 A civilização pré-histórica do Brasil meridional. *Rev. do Museu Paulista*, vol. 1: 34-159.
- Joyce, T. 1914 *Mexican Archaeology*. Putnam, Londres.
- Kidder, A. V. 1924 *An introduction to the study of Southwestern Archaeology, with a preliminary account of the excavations at Pecos*. Papers of the Southwestern Expedition, Phillips Academy n. 1, Yale Univ. Press, New Haven.
- Knorosov, Y. V. 1967 *Selected Chapters from the Writing of the Maya Indians*, translated by Sophie Coe, Russian Translation Series of the Peabody Museum, vol. 4. Cambridge, Mass.
- Krieger, A. D. 1944 The typological concept. *American Antiquity*, 9: 271-88.
- Kroeber, A. L. 1927 Coast and Highland in Prehistoric Peru. *American Anthropologist* vol. 29: 625-53.
- _____. 1944 *Peruvian Archaeology in 1942*. Viking Fund Publications in Anthropology n. 4. New York.
- Kupfer, D. 1870 Die Kayapo-Indianer in der Provinz Matto-Grosso. *Zeitschrift der Gesellschaft fuer Erdkunde zu Berlin*, 5: 244-55.
- Lathrap, D. W. 1958 The culture sequence at Yarínacochoa, Eastern Peru. *American Antiquity* vol. 23, n. 4: 379-88.
- _____. 1970 *The Upper Amazon*. Praeger, New York.
- _____. 1973 The Tropical forest and the cultural context of Chavín. In: Benson, E. P. (ed.), *Dumbarton Oaks Conference on Chavín*, pp. 73-100. Washington D.C.
- Leakey, L. S. B. 1960 *Adam's ancestors: the evolution of man and his culture*. Harper & Row, New York.
- _____. 1969 *The progress and evolution of man in Africa*. Oxford Univ. Press, Londres.
- _____. 1973 *Hacia el desvelamiento del origen del Hombre: diez decenios de investigación sobre la evolución humana*. Aguilar, Madrid.
- Lee, R. B. 1979 *The !Kung San: men, women and work in a foraging society*. Cambridge Univ. Press, Cambridge.

- Leone, M. 1968 Neolithic economic autonomy and social distance. *Science*, vol. 162, n. 3858: 1150-1.
- _____. 1982 Some opinions about recovering Mind. *American Antiquity* vol. 47: 742-60.
- _____. 1984 Interpreting ideology in historical archaeology: using the rules of perspective in the William Paca Garden in Annapolis, Maryland. In: Miller, D. e Tilley, C. (eds.), *Ideology, Power and Prehistory*, pp. 25-35. Cambridge Univ. Press, Cambridge.
- Longacre, W. A. 1968 Some aspects of Prehistoric Society in East-Central Arizona. In: Binford, S.R. e Binford, L. R. (eds.), *New Perspectives in Archaeology*, pp. 89-102. Aldine, Chicago.
- Lumbreras, L. G. 1971 Towards a re-evaluation of Chavin. In: Benson, E. P. (ed.), *Dumbarton Oaks on Chavin*. Dumbarton Oaks, Washington D.C.
- Malina, J. e Vasíček, Z. 1990 *Archaeology yesterday & today*. Cambridge University Press, Cambridge.
- Marcano, G. 1889 Ethnographie précolombienne du Venezuela, Vallées d'Áragua et de Caracas. *Mémoires d'Ántropologie*, ser. 2, vol. 4: 1-86.
- Martin, P. S. 1974 Early development in Mogollon research. In: Willey, G. R. (ed.), *Archaeological Researches in Retrospect*, pp. 3-33, Winthrop, Cambridge.
- McGee, R. J. e Warms, R. L. 1996 *Anthropological Theory — an introductory history*. Mayfield Publishing Company, California.
- McGuire, R. H. 1992 *A Marxist Archaeology*. Academic Press Inc., California.
- McNeish, R. S. 1958 *Preliminary Archaeological investigations in the Sierra de Tamaulipas, Mexico*. Transactions, American Philosophical Society, vol. 48, pt. 6. Philadelphia
- _____. 1963 *Investigations in the Southwest Yukon: Part II, Archaeological excavation, comparison and speculation*. Papers of the R.S.Peabody Foundation for Archaeology, vol. 16, n. 1, Mass, Andover.
- _____. 1964 *Investigations in the Southwest Yukon: Part II, Archaeological excavation, comparisons and speculations*. Papers of the R.S.Peabody Foundation for Archaeology, vol. 6, n. 1, Mass, Andover.
- _____. 1967 A summary of the subsistence. In: Byers, D. S. (ed.), *Prehistory of the Tehuacan Valley*, vol. 1, pp. 290-309. Univ. of Texas Press, Austin.
- Meggers, B. 1954 Environmental limitation on the development of culture. *American Anthropologist*, vol. 56, n. 5: 801-24.
- _____. 1956 Functional and evolutionary implications of community patterning. In: Wauchope, R. (ed), *Seminars in Archaeology: 1955*. SAA, Memoir 11, Washington D.C.
- _____. 1957 Environment and culture in the Amazon Basin: an appraisal of the theory of environment determinism. In: Palerm, A. et al. (eds.), *Studies in Human Ecology*, pp. 71-90. Pan American Union Social Sciences Monograph, n.3, Washington D.C.
- _____. 1966 Field testing of cultural law: a reply to Morris Opler. *Southwestern Journal of Anthropology*, vol. 17, n. 14 : 352-4.
- Meggers, B. e Evans, C. 1957 *Archaeological investigations at the Mouth of the Amazon*. Bureau of American Ethnology, Bulletin 167, Washington D.C.
- Menghin, O. F. 1957 Das Protolithikum in Amerika. *Acta Praehistorica*, n. 1.
- Menzel, D. 1964 Style and time in the middle Horizon. *Nawpa Pacha* n. 2: 1-106.
- Millon, R. F. 1967 Teotihuacán. *Scientific American*, vol. 216, n. 6: 38-48.
- Mulvaney, D. J. 1969 *The Prehistory of Australia*. Londres, Thames and Hudson.
- Narroll, R. S. 1962 Floor area and settlement population. *American Antiquity* vol. 27, n. 4: 587-9.
- Nelson, N. C. 1916 Chronology of the Tano Ruins. *American Anthropologist*, 18 (2): 159-80, New Mexico.
- Orton, C.; Tyers, P.; Vince, A. 1995 *Pottery in Archaeology*. Cambridge Manuals in Archaeology. Cambridge Univ. Press. Cambridge.
- Outes, F. F. 1897 *Los Querandies*. Imprenta Martin Biedma, Buenos Aires.
- _____. 1905 La Edad de la piedra en Patagonia. *Anales del Museo Nacional de Buenos Aires* vol. 12: 203-575.
- _____. 1907 Arqueología de San Blas, Provincia de Buenos Aires. *Anales del Museo Nacional de Buenos Aires* vol. 14: 249-75.
- Patterson, T. C. 1989 History and the Post-Processual Archaeology. *Man*, vol. 24: 555-66.
- Plig, F. T. 1974 *The study of Prehistoric Change*. Academic Press, New York.
- _____. 1976 Measurement of Prehistoric Interaction between communities. In: Flannery, K. (ed.), *The early mesoamerican village*, New York, Academic Press.
- Preucel, R. W. 1991 *Processual and Postprocessual archaeologist: multiple ways of knowing the past*. Center for

- Archaeological Investigations, Occasional Paper n. 10, Southern Illinois Univ., Carbondale.
- Rathje, W. L. 1970 Socio-political implications of Lowland Maya Burials: methodology and tentative hypotheses. *World Archaeology*, vol. 1, n. 3: 359-74.
- _____. 1974 The Garbage Project: a new way of looking at the problems of Archaeology. *Archaeology*, vol. 27, n. 4: 236-41.
- _____. 1978 Archaeological Ethnography... because sometimes it is better to give than to receive. In: Gould, R. (ed.), *Explorations in Ethnoarchaeology*, pp. 49-75. School of American Research, Advanced Seminar Series, Univ. of New Mexico Press, Albuquerque.
- Redman, C. L. 1973 Research and theory in current Archaeology: an introduction. In: Redman, C. L. (ed.), *Research and theory in current archaeology*, pp. 5-26, Wiley. New York.
- _____. 1991 Distinguished lecture in Archaeology. In defense of the seventies — the adolescence of New Archaeology. *American Anthropologist*, vol. 93: 295-307.
- Renfrew, C. e Bahn, P. 1996 *Archaeology — Theories, Methods and Practice*. Thames and Hudson, 2. Edition, Londres
- Restrepo, V. 1895 *Los Chibchas antes de la Conquista Espanola*. Imprensa de La Luz, Bogotá.
- Rohde, R. 1885 Einige Notizen ueber den Indianerstamm der Terenos. *Zeitschrift der Gesellschaft fur Erdkunde*, 20: 404-9. Berlin.
- Rouse, I. G. 1939 *Prehistory in Haiti. A study in method*. Yale Univ. Publications in Anthropology, n. 24, New Haven.
- _____. 1960 The classification of artifacts in Archaeology. *American Antiquity*, 25: 313-23.
- Rowe, J. H. 1963 Urban Settlements in Ancient Peru. *Nawpa Pacha*, vol. 1, n. 1: 1-27.
- Salmon, M. H. 1992 Postprocessual explanation in Archaeology. In: Embree, L. (ed.), *Meta-Archaeology*, Boston Studies in the Philosophy of Science. Kluwer Academic Press, Boston.
- Sanders, W. T. 1956 *Tierra y Agua*. Phd Dissertation, Harvard University, Cambridge.
- _____. 1965 *The Cultural Ecology of the Teotihuacan Valley*. Pennsylvania State University, University Park.
- Sanders, W. T.; Merino, J. 1970 *New orld Prehistory. Archaeology of the American Indians*. Foundations of Modern Anthropology Series. Prentice-Hall, Englewood Cliffs, N.J.
- Sanders, W. T. e Price, B. 1968 *Mesoamerica, the evolution of a civilization*. Random House, New York.
- Schiffer, M. B. 1976 *Behavioral Archaeology*. Academic Press, New York.
- Schortman, M. e Urban, P. A. 1989 Interregional interaction in Prehistory: the need for a new perspective. *American Antiquity* 54(1): 52-65.
- _____. 1992 Current trends in interaction research. In: Schortman, M. e Urban, P. A. (eds.), *Resources, power and interregional interaction*. Plenum Press, New York.
- Schuyler, R. L. 1970 Historical and Historic Sites Archaeology as Anthropology: basic definitions and relationships. *Historical Archaeology*, vol. 4: 83-9.
- Shanks, M. e Tilley, C. 1987 *Social Theory and Archaeology*. Polity Press, Cambridge.
- _____. 1989 Archaeology into the 1990s. *Norwegian archaeological Review*, vol. 22: 1-12.
- Shanks, M. e Hodder, I. 1995 Processual, postprocessual and interpretive Archaeologies. In: Hodder, I. et al. (eds.), *Interpreting Archaeology — finding meaning in the past*, pp. 3-29. Roulledge, London and New York.
- Sears, W. H. 1961 The study of social and religious systems in North American Archaeology. *Current Anthropology*, vol. 2, n. 3: 223-31.
- Soares de Souza, G. 1971 *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*. Brasiliense/ Nacional, São Paulo.
- Spaulding, A. C. 1988 Distinguished lecture: archaeology and anthropology. *American Anthropologist*, vol. 90: 263-71.
- Spier, L. 1917 *Na outline for a chronology of Zuñi ruins*. Anthropological Papers of the American Museum of Natural History, 18: 207-331. New York.
- Spinden, H. J. 1917 The origin and distribution of agriculture in America. *Proceedings, Nineteenth International Congress of Americanists*, 269-76. Washington D.C.
- _____. 1928 *Ancient Civilizations of Mexico and Central Mexico*. American Museum of Natural History Handbook Series, n. 3. New York.
- Squier, E. G. 1849 *Aboriginal Monuments of New York*. Smithsonian Contributions to Knowledge, vol. 2. Washington, D.C.
- Staden, H. 1554 *Duas Viagens ao Brasil*. Edusp/Itatiaia, Belo Horizonte.
- Steere, J. B. 1927 *The Archaeology of the Amazon*, Univ. of Michigan Official Publications vol. 29, n. 9. Univ. of Michigan, Ann Arbor.
- Steinen, K. 1894 *Unter den Naturvoelkern Zentralbrasilens. Reiseschilderungen und Ergebnisse der zweiten Shingu-*

- Expedition 1887-1888*. Dietrich Reimer Verlag, Berlin.
- _____. 1904 Ausgrabungen am Valenciasee. *Globus* vol.86, n. 77: 101-8.
- Steward, J. H. 1937 Ecological aspects of Southwestern Society. *Anthropos*, vol.32: 87-104.
- _____. 1942 The direct historical approach to Archaeology. *American Antiquity*, vol. 7, n. 4: 337-433.
- _____. 1946-50 *The Handbook of South American Indians*, 6 vols., Bureau of American Ethnology, Bulletin 143, Washington D.C.
- _____. 1949 Cultural Causality and Law: a trial formulation of the development of early civilizations. *American Anthropologist*, vol. 51: 1-27.
- _____. 1955 *Theory of Cultural Change*. Univ. of Illinois Press, Urbana.
- _____. 1966 Toward understanding cultural evolution. *Science*, vol. 153: 729-30.
- Stirling, M. W. 1943 *Stone Monuments of southern Mexico*. Bureau of American Ethnology, Bulletin 138, Washington D.C.
- Stow, J. 1603 *A survey of London*. London.
- Strong, W. D. 1935 *An introduction to Nebraska Archaeology*. Smithsonian Miscellaneous Collections, vol. 93, n. 10, Washington D.C.
- Sturtevant, W. C. 1960 *The significance of Ethnological similarities between Southeastern North America and the Antilles*. Yale Univ. Publications in anthropology, n. 64. New Haven.
- Taylor, W. W. Jr. 1948 *A study of Archaeology*. Memoir Series of the American Anthropological Association, n. 69. Menasha, Wis.
- Thevet, A. 1971 *As singularidades da França Antártica*. Edusp/Itatiaia, Belo Horizonte.
- Thomas, C. 1894 *Report of the Mound Explorations of the Bureau of Ethnology*. Washington, D.C.
- Thomas, D. 1988 Saints and soldiers at Santa Catalina: Hispanic Designs for colonial America. In: Leone, M. P. e Potter Jr., P. B. (eds.), *The recovery of meaning: historical archaeology in the eastern United States*, pp. 73-140. Smithsonian Institution Press, Washington D.C.
- Thompson, J. E. S. 1950 *Maya Hieroglyphic Writing: an introduction*. Publications of the Carnegie Institution of Washington, n. 589. Washington D.C.
- Torres, L. M. 1907 Arqueología de la Cuenca del Rio Paraná. *Revista del Museo de la Plata*, vol. 14: 53-122.
- _____. 1911 *Los primitivos habitantes del delta del Paraná*. Univ. Nac. de La Plata, Biblioteca Centenaria, vol. 4. Buenos Aires.
- Trigger, B. G. 1963 Settlement as na aspect of Iroquois adaptation at the time of contact. *American Anthropologist*, vol. 65, n. 1: 86-101.
- _____. 1966 Settlement Archaeology — its goals and promise. *American Antiquity*, vol. 32, n. 1: 149-61.
- _____. 1968 The determinants of settlement patterns. In: Chang, K. C. (ed.), *Settlement Archaeology*, pp. 53-78. Nation Press Books, Palo Alto.
- _____. 1989 *A history of Archaeological Thought*. Cambridge University Press, Cambridge.
- _____. 1991 Constraint and freedom: a new synthesis for Archaeological explanation. *American Anthropologist*, vol. 93: 551-69.
- Uhle, M. 1903 *Pachacamac*. Niversity of Pannsylvania Press, Philadelphia.
- Vaillant, G. C. 1927 *The chronological significance of Maya Ceramics*. PhD dissertation, Harvard Univ., Cambridge.
- Van Mellen, J. 1679 *Historia urnae sepulchralis sarmaticae*. Jena.
- Vogt, P. F. 1902 Material zur Ethnographie und Sprache der Guiaki-Indianer. *Zeitschrift fuer Ethnologie*, 34: 30-45.
- Watson, P. J. 1979 The idea of ethnoarchaeology: notes and comments. In: Kramer, C. (ed.), *Ethnoarchaeology: implications of ethnography for archaeology*, pp. 277-88. Columbia Univ. Press, New York.
- _____. 1990 A Parochial Primer: the new dissonance as seen from the Midcontinental USA. In: Preucel, R. W. (ed.), *Processual and Postprocessual Archaeologies: multiple ways of knowing the past*, pp. 265-74. Center for Archaeological Investigations, Occasional Paper n. 10, Southern Illinois Univ., Carbondale.
- Watson, P. J.; Leblanc, S. A. e Redman, C. L. 1971 *Explanation in Archaeology, anexplicitly Scientific Approach*. Columbia Univ. Press, New York.
- Wauchope, R. 1961 *Lost Tribes and Sunken Continents*. University of Chicago Press, Chicago.
- _____. 1964-76 *Handbook of Middle American Indians*, vol. 1-16. Univ. of Texas Press, Austin.
- Wedel, W. R. 1953 Some aspects of human ecology in the Central Plains. *American Anthropologist*, vol. 55: 499-514.
- Whallon, R. Jr. 1967 Investigations of late Prehistoric social organization in New York State. In: Binford, S. R. e Binford, L. R. (eds.), *New Perspectives in Archaeology*, pp. 223-44. Aldine, Chicago.

- _____. 1972 A new approach to pottery typology. *American Antiquity*, 37: 13-33.
- White, L. A. 1959 *The Evolution of Culture*. McGraw-Hill, New York.
- Willey, G. 1945 Horizon Styles and pottery traditions in Peruvian Archaeology. *American Antiquity*, vol. 11: 49-56.
- _____. 1953 Comments on cultural and social Anthropology. In: Tax, S. et alii (eds.), *An appraisal of Anthropology today*, pp. 229-30. Univ. of Chicago Press, Chicago.
- _____. 1956 *Prehistoric Settlement Patterns in the New World*. Viking Fund Publications in Anthropology, n. 23. New York.
- _____. 1962 The early great styles and the rise of the pre-Columbian civilizations. *American Anthropologist*, vol. 64, n. 1: 1-14.
- Willey, G. R. e Phillips, P. 1955 Method and theory in American Archaeology, II: historical-developmental interpretations. *American Anthropologist*, vol.57: 723-819.
- _____. 1958 *Method and theory in American Archaeology*. Univ. of Chicago Press, Chicago.
- Willey, G. R. e Sabloff, J. A. 1993 *A History of American Archaeology*. W.H. Freeman and C., New York, 3. Edition.
- Wylie, A. 1985 The reaction against analogy. *Advances in Arch. Method and Theory* 8: 63-111.
- _____. 1988 "Simple" analogy and the role of relevance assumptions: implications of Archaeological Practice. *International Studies in the Philosophy of Science* 2: 134-50.
- _____. 1989 The interpretive Dilemma. In: Pinsky, V. e Wylie, A. (eds.), *Critical Traditions in Contemporary Archaeology: essays in the Philosophy, History and socio-politics of Archaeology*, pp. 18-27. Cambridge Univ. Press, Cambridge.
- _____. 1991 Gender theory and the Archaeological record. In: Gero, J. M. e Conkey, M. W. (eds.), *Engendering Archaeology, women and prehistory*, pp. 31-56. Basil Blackwell, Londres.
- Wust, I. 1983 Aspectos da ocupação pré-colonial em uma área do Mato Grosso de Goiás — tentativa de análise espacial. Dissertação de Mestrado, FFLCH-USP, São Paulo.
-